

## Revirando A Virada

Notas Etnográficas Sobre os Olhares na Virada Cultural em São Paulo

Rosenilton S. Oliveira

---



### Edição electrónica

URL: <http://journals.openedition.org/pontourbe/616>

DOI: 10.4000/pontourbe.616

ISSN: 1981-3341

### Editora

Núcleo de Antropologia Urbana da Universidade de São Paulo

### Referência eletrónica

Rosenilton S. Oliveira, « Revirando A Virada », *Ponto Urbe* [Online], 12 | 2013, posto online no dia 31 julho 2013, consultado o 07 maio 2019. URL : <http://journals.openedition.org/pontourbe/616> ; DOI : 10.4000/pontourbe.616

---

Este documento foi criado de forma automática no dia 7 Maio 2019.

© NAU

---

# Revirando A Virada

Notas Etnográficas Sobre os Olhares na Virada Cultural em São Paulo

Rosenilton S. Oliveira

---

*Agradeço aos colegas do NAU, Lucas M. Lopes e Giancarlo C. Machado, pelos comentários feitos à primeira versão deste texto.*

- 1 "Venha viver a Virada!". Anunciava o *slogan* da Virada Cultural. Em 2013, o evento que reúne atrações culturais que vão da música erudita ao cinema pornô, efetivou sua nona edição e, em pouco mais de 24 horas, reuniu no centro de São Paulo e em alguns outros pontos da cidade, milhares de pessoas. Alguns dos pesquisadores do Laboratório de Antropologia Urbana da Universidade de São Paulo (NAU/FFLCH-USP), mais uma vez estiveram presentes para acompanhar estes cidadãos em suas deambulações em meio a um sem número de atrações.
- 2 "O que ver na Virada?" Talvez esta seja a pergunta que mais se ouviu e, por extensão, aquela que todos tentavam responder diante da miríade de oportunidades culturais. Dessa forma, refletirei sobre o processo de direcionamento do olhar, isto é, sobre as estratégias que os sujeitos utilizam para "aproveitar" ao máximo o evento, escolhendo o que ver. Entretanto, assim como o público esteve presente para observar as atrações, os antropólogos do NAU foram à Virada afim de "ver os nativos vendo"; coloquei-me num outro lugar (também de observador): ver como vêem os antropólogos. Portanto, aqui pretendo discorrer sobre algumas impressões que tive ao acompanhar pesquisadores em campo "olhando por sobre os ombros dos nativos".
- 3 Éramos um grupo relativamente pequeno, sete pessoas, sendo duas mulheres e cinco homens. Uma delas não era antropóloga, mas bióloga. Estes antropólogos urbanos estão acostumados com objetos diferentes, mas naquela noite tinham a tarefa de observar a Virada e tecer alguns comentários razoavelmente coerentes sobre as inúmeras coisas que estavam acontecendo.
- 4 Nosso ponto de encontro foi a estação de metrô República, no centro (para não dizer no epicentro) do evento, marcado para às 17h (uma hora antes do início oficial). A intenção era trocarmos algumas idéias sobre o trajeto que faríamos. Atrasos. A cada minuto,

aumentava o volume de pessoas que chegavam à estação, o saguão próximo às catracas era o local de encontro por excelência. Pessoas de todas as idades e estilos circulavam. Completo o grupo, estabelecemos: vamos caminhar concentrando-nos naquilo que chamar a atenção.

- 5 Estava feito o nosso "recorte": tudo o que chamasse a nossa atenção seria registrado. Assim como os espectadores, pré-definimos um roteiro de observação (meio genérico) e nos colocamos em marcha. Fizemos o seguinte percurso: Praça da República, Largo do Arouche, Avenida São João (Largo do Paissandu), Praça das Artes, Vale do Anhangabaú, Viaduto do Chá, Praça do Patriarca, Rua São Bento, Largo São Francisco e Praça da Sé.
- 6 Podemos supor que as motivações da escolha entre uma ou outra apresentação variam de pessoa para pessoa, o mesmo se passou com os pesquisadores, entretanto, em se tratando de uma "etnografia coletiva", fazia-se necessário encontrar um ponto de convergência. Qual seria ele? Ao ouvir os membros da equipe falarem sobre as expectativas para a Virada, ficava evidente que havia certo esforço em não projetar sobre a Virada pré-impressões, ou seja, a "expectativa é não ter expectativa", afirmou de maneira jocosa um dos integrantes do grupo. Este clima de descontração, que marcou todo o trabalho, de certa maneira evidenciou que os pesquisadores também estavam "curtindo" a Virada, à sua maneira.
- 7 Se o olhar do pesquisador é orientado pelas suas perspectivas teóricas, isto é, considerando a formação específica de cada antropólogo, o fenômeno observado tende a ter determinadas características realçadas em detrimento de outras durante a análise; os membros do NAU assumiram o risco de não formularem hipóteses *a priori* sobre a Virada Cultural, afim de captarem as "surpresas do campo" ou como o prof. José Guilherme C. Magnani costuma dizer em aula: "perceber as pedras que brilham ao longo do caminho". Todavia, parece-me que não foram totalmente felizes nessa empreitada, pois a forma como se comportavam em campo denunciava o enfoque que estavam dando para o evento.
- 8 Apenas três membros do grupo portavam câmeras fotográficas, dois optaram por utilizar o bom e velho bloco de notas. À medida que caminhavam os olhares dispersavam-se cada vez mais, e os interesses de pesquisa de cada um, guiava-os livremente aquém do grupo.
- 9 Um dos pesquisadores - que analisa formas de mobilidade urbana - passou a observar as estratégias utilizadas pelos organizadores da Virada para controlar os fluxos de pessoas e veículos. Faixas de sinalização foram fotografadas, notas sobre o desvio do trânsito e remanejamento das paradas dos ônibus foram tomadas. Se as atrações estavam dispostas em pontos específicos do "mapa" da cidade, os sujeitos precisavam deslocar-se de um lugar a outro, foi sobre esses trajetos que a atenção deste nosso colega se ateve. Ver a Virada acontecendo, em certa medida, significou compreender os deslocamentos dos agentes os quais, ao fazerem isso, criavam "zonas de passagem" onde outras coisas aconteciam.
- 10 Estas "outras coisas" que ocorriam nesses espaços intermediários (entre um palco e outro, por exemplo), foram "vistas" por outro membro do grupo. Com pesquisas sobre os meios pelos quais os cidadãos se apropriam do espaço urbano, a atenção deste nosso colega deteve-se justamente sobre esses atores "extra-oficiais" que apresentavam, cada um à sua maneira, seus espetáculos para um público em trânsito. Postos, pois, nas franjas dos trajetos, artistas de rua e vendedores ambulantes possibilitavam, à primeira vista, pensar nos processos de liminaridade, já que sua presença naqueles espaços envolvia riscos:

riscos para os transeuntes, que não contavam com a presença física dos agentes de segurança do Estado (foi justamente num desses espaços que pudemos observar alguns atos de violência, como arrastões), logo, todos que passavam eram igualmente perigosos - mesmo se estivessem fazendo o mesmo trajeto - e também, para os próprios profissionais que estavam ali atuando. Nesse sentido, ao conversar com um vendedor de artigos africanos, perguntei-lhe se ficaria ali durante todo o evento, ao que ele me respondeu: "Se a polícia deixar, sim". O virar-se de um canto a outro envolvia riscos, os quais eram encarados por todos, para poderem ver tudo quanto tinham se predisposto a ver.

- 11 Os (re)arranjos das pessoas para ocuparem os espaços da Virada, cada uma à sua maneira, também chamou à atenção de outro antropólogo do nosso grupo - o único, além de mim, que já tinha estabelecido o que observar. Numa perspectiva comparativa, interessava-o saber se os eventos capitaneados pelo poder público (como a Virada Cultural) produziam a mesma sensação de envolvimento no público quanto aqueles organizados pelos coletivos urbanos nas periferias. Ao perseguir esse objetivo, nosso colega colocou-se num outro lugar - até mesmo apartado do grupo. Acompanhando uma amiga com suas duas filhas pequenas, a cada nova atração ele se envolvia completamente: interagiu com as pessoas, assistia as apresentações, brincava com as crianças...
- 12 O meu olhar, ao dirigir-se para as práticas de alguns antropólogos em campo, também não esteve aquém dos meus interesses de pesquisa, já que no campo das religiosidades e das identidades, os discursos e as práticas produzem epifanias, criam seres (humanos e não-humanos), organizam e dão sentido às práticas sociais coletivas e individuais. Mais do que revelar estratégias etnográficas, meu objetivo era justamente refletir como o fazer antropológico de cada pesquisador é atravessado por valores e crenças que conduzem o olhar. A depuração do que "foi visto" dar-se-á, creio, por meio da teoria acionada para tentar dar inteligibilidade ao fenômeno observado.
- 13 Veremos nas Etnográficas como essas posturas em campo tomarão forma e corpo num outro tipo de registro: o texto. No que tange o objetivo da nossa participação, cabe ressaltar que a experiência da observação coletiva de um mesmo fenômeno é enriquecedora em vários planos, pois quando se tem pesquisadores com formações diferentes (ainda que da mesma área de conhecimento) é possível captar vários pontos de vistas, como peças num mosaico, as quais podem ser observadas e analisadas em suas singularidades, entretanto, sua compreensão torna-se mais interessante quando vistas no conjunto.
- 14 Por fim, diria que tal como a Virada Cultural permite múltiplas participações, diversas são também as digressões analíticas, talvez porque, para qualquer lugar que viremos, vemos pessoas vendo-se.

---

## BIBLIOGRAPHY

GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro : LTC, 1989 [1973].

LÉVI-STRAUSS, Claude. O feiticeiro e sua magia. In: *Antropologia Estrutural*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro. 1975, pp. 193-213. [1945].

MARCUS, George E. Ethnography in/of the World System: The Emergence of Multi-Sited Ethnography. *Annual Review of Anthropology*, Palo Alto, California, vol. 24, 1995, pp. 95-117.

SILVA, Vagner G. da. *O antropólogo e sua magia*. Trabalho de campo e texto etnográfico nas pesquisas antropológicas sobre as religiões afro-brasileiras. São Paulo: EDUSP, 2005.

TURNER, Victor. *O processo ritual: estrutura e antiestrutura*. Petrópolis: Vozes, 1974.

## AUTHOR

**ROSENILTON S. OLIVEIRA**

Grupo de Estudo da Religião na MetrÓpole - Germ/NAU

Centro de Estudos de Religiosidades Contemporâneas e das Culturas Negras – CERNe